

UMBANDA

Suas origens - Sua natureza e sua forma, por Dr. Baptista de Oliveira

mLopes eBooks

www.saravaumbanda.cjb.net

Memória apresentada pelo Dr. Baptista de Oliveira, na reunião de 22 de Outubro de 1941.

Senhores Congressistas:

Antes de entrar no desenvolvimento do estudo embora sumário, com que vos quis dar o testemunho dos meus aplausos à vossa iniciativa realizando o 1º Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda, e ao mesmo tempo, a minha cooperação à obra ingente que ides realizar num tão oportuno momento, - desejo chamar a vossa atenção para duas das diferentes feições próprias da UMBANDA praticada no nosso meio:

1º - As tendências da linha.

2º - A forma ritualística das práticas.

Não há nada que nos conduza, de modo tão seguro e preciso à natureza íntima de uma pessoa, como o estudo das suas tendências, isto porque, sendo estas um efeito daquela, é fácil descer-se por seu conduto, à natureza da causa.

As tendências de Umbanda, pelo menos na forma pela qual a vemos praticada no nosso meio, são francamente para a magia e isto lhe denuncia as origens.

Todos esses atos e atitudes, todas essas situações e circunstâncias observadas na evolução de um terreiro, não obstante a falta de uma seqüência lógica que lhes estabeleça um laço e lhes dê a precisa unidade, sem o que lhes faltará a necessária força para atingir os colimados fins, todos esses atos e atitudes, dizia eu, nos fazem pensar no ritual observado nos santuários antigos, nos templos de antanho, nos lugares onde os gênios das civilizações que se foram praticavam a santa ciência dos elementos, evocando os princípios sob a proteção dos deuses .

O modo mesmo inconsciente pelo qual, nos terreiros de Umbanda, em sua maioria, senão na sua totalidade entre nós, se buscam os efeitos à revelia do conhecimento das causas, bem nos patenteia a doutrina dos PEQUENOS MISTERIOS de todas as teogonias antigas, pois nos templos de iniciação das mesmas , não se levavam os postulantes ao estudo e ao conhecimento

das causas senão depois de se mostrarem cientes e conscientes da natureza e do valor dos efeitos.

A prática seguida em todos os atos da Linha de Umbanda demonstra a existência embora ignorada, de uma disciplina, de uma norma a que deve estar condicionada a obtenção dos fenômenos de qualquer natureza, possíveis no âmbito material ou astral da sua ação.

Essas tendências de Umbanda para a magia tão manifestas no ritual embora precário, de que lançam mão os praticantes, são tão evidentes que eu me dispense de maiores demonstrações e de outros comentários para apresentar a minha MEMORIA sob o pressuposto seguinte:
UMBANDA É UM RITUAL.

Sua finalidade é o estudo e conseqüentemente a prática da magia. Quem nos poderá justificar uma afirmativa em contrário ? Tudo nas práticas costumeiras de Umbanda mostra a sua irresistível tendência para a magia, da terminologia que lhe é própria, à indumentária que se preconiza para as funções, das atitudes aconselhadas aos circunstantes, aos banhos de descarga que se aplicam nos médiuns.

Os "pontos", riscados ou cantados, a "guia", a "marafa", o "defumador", o "ponteiro" e a "pemba" são verdadeiros apetrechos de um arsenal de mago, rústicos é bem verdade, pela aspereza do acabamento e pelo barbarismo da nomenclatura que lhes deram, mas tão expressivos como os exemplares reais por ele representados.

AS ORIGENS

Não obstante as divergências por vezes profundas na concepção que de Umbanda têm os seus afeiçoados e adeptos, todos são acordes quanto às suas origens africanas.

A natureza das suas práticas, revestidas todas elas de tão grosseiros aspectos, assim como a rudeza do vocabulário com que se processam os atos da sua estranha liturgia, tudo isto lhes justifica a paternidade: Umbanda veio do Continente Negro. Também sou desta opinião, muito embora discorde num detalhe.

Umbanda veio da África , não há dúvida, mas da África Oriental, ou seja do Egito, da terra milenária dos Faraós, do Vale dos Reis e das Cidades sepultadas na areia do deserto ou na lama do Nilo .

O barbarismo afro de que se mostram impregnados os ecos chegados até nós, dessa grande linha iniciática do passado, se deve às deturpações a que se acham naturalmente sujeitas as tradições verbais, melhormente quando, além da distância a vencer no tempo e no espaço, têm elas de atravessar meios e idades em absoluto inadaptados à grandeza e à luz refulgente dos seus ensinamentos. Com Umbanda foi isto o que se deu.

Quando a civilização egípcia entrou em decadência pelas sucessivas invasões de povos bárbaros no país, a casta sacerdotal então a mais perseguida por ser a depositária da ciência que fizera a grandeza material e intelectual do povo, emigrou em direções diversas indo fundar os "Mistérios" instalados posteriormente em diferentes pontos do mundo mediterrâneo, tais como os de Delfos, de Olímpia, os de Eleusis, de Argos e de Chipre e tantos outros contemporâneos dos tempos homéricos da Hélade.

Ora, essa emigração do clero e dos magos egípcios, involuntária e precipitada, uma verdadeira fuga processada sob o pavor das hordas devastadoras, não se fez apenas para leste. Ela se

realizou na direção de todos os quadrantes, mesmo porque não havia nem vagar nem direito de escolha .

A Etiópia recebeu um grande contingente desse povo sábio e ainda hoje se vê no esplendor do Clero Copta e nas tradições religiosas dos abexins, os vínculos que os prendem aos ensinamentos exotéricos e esotéricos desse passado multissecular da terra encantada do Vale do Nilo.

Quem estuda como eu tenho feito na medida do possível, a estrutura e a forma das iniciações que floresceram no mundo africano e na Ásia Menor, todas elas erigidas sobre um dos dois princípios fundamentais da teogonia egípcia, quando não sobre os dois, ao mesmo tempo, não poderá ter qualquer dúvida, como eu não tenho, sobre as origens comuns dos "mistérios" no mundo ocidental.

"Todas as iniciações européias, diz um dos Durville , são ramos de um mesmo tronco, de um tronco cujas raízes penetram na terra dos Faraós."

Imagine-se o que poderia resultar do contato da alta ciência e da religião dos egípcios, uma e outra tão profundamente precisas nos seus conceitos e tão expressivas na sua forma representativa dos sentimentos de um povo grandemente civilizado, com os povos semi-bárbaros, senão bárbaros, do ocidente africano, das regiões incultas de onde, por infelicidade nossa, se processou o tráfico de escravos para o Brasil, de uma escória que nos trouxe com suas mazelas, com seus costumes grosseiros e com seus defeitos étnicos e psicológicos, os restos desses *oropéis* abastardados já por seus antepassados e de uma significação que ela mesma não alcançava mais.

Tais foram as tradições orais que nos chegaram de todo o vasto saber acumulado dos egípcios, através dos elementos afros que os navios , negreiros, no exercício de um comércio infamante, transportaram para as terras brasileiras, nos primórdios da nossa formação nacional.

NATUREZA

O chamado Espiritismo de Umbanda, no nosso meio, apresenta três características bem distintas e capazes de nos reportar às suas longínquas origens, não obstante as deturpações determinadas pelo caldeamento imposto pelo meio.

A Umbanda que se pratica no Rio de Janeiro difere essencialmente na forma, da Umbanda que se conhece em todo o nordeste, a partir da Bahia. Lá, o ritual e o culto conservaram, mais ou menos, a feição e as tendências do oeste africano, enquanto que aqui no sul, a influência do aborígine se tornou incontestável, tal a sua evidência .

No setentrão brasileiro as práticas de Umbanda se processam sob formas bem diferentes das que se observam no Rio e na Bahia, tendendo mais para a ascese a que são obrigados os adeptos do rito iniciático indiano.

OS MESTRES CONSTRUTORES AFRICANOS

A Ordem dos Arquitectos, na África, é uma instituição secreta fundada no ano de 1767. Os seus ideais eram a descoberta da verdade, a cultura da virtude, a conquista do saber, o desenvolvimento dos poderes latentes do homem, e todo o seu ritual, abrangendo os cinco graus constitutivos da Ordem, era uma reprodução do "Segredo Egípcio" na forma preconizada no "Livro dos Mortos" .

Não há nenhuma notícia de que se recrutassem no meio da massa ignorante, sugestionável e passiva, conseqüentemente, os elementos desse grande centro de iniciação, o único conhecido em toda a história dos ritos oriundos da parte ocidental do Continente Negro.

Admitidas essas origens africanas da Linha de Umbanda, ante a prova oferecida pelos argumentos evocados, somos forçados a considerar a magia como sendo a sua própria natureza, porque, tanto os "Mistérios Iniciáticos" como a religião dos egípcios tinham por substância mesmo, ciência esotérica dos princípios .

Da magia, devemos dizer, sempre se fez uso abuso, em todos os tempos e em todos os meios e como a natureza humana no nosso mundo é muito mais propensa ao mal, os abusos superabundaram os usos, em número e em intensidade.

Originou-se dessa circunstância o mau conceito em que a magia passou a ser tida; em todos os meios cultos, especialmente depois dos tempos calamitosos do arbítrio, dos séculos turvos da Idade Média, dessa quadra dificilmente atravessada pelo pensamento humano, época em que o homem, sentindo-se estrangulado em todas as suas aspirações e tolhido nos seus movimentos, apelou para os "deuses" e para os "gênios", fazendo ressurgir com a mesma feição bárbara dos tempos antigos, o culto pagão das forças divinizadas.

A magia, no entanto, é a mais inocente de todas as coisas divinas como são as suas origens e santos, como devem ser os seus e os propósitos de todos aqueles que lhe penetram os arcanos.

A natureza mágica da linha de Umbanda se prova igualmente, pelo exame desses restos de um ritual pomposo mas deturpado e apenas conhecido numa proporção tão pequena que não nos permite ligar alguns dos restos conhecidos a alguns dos restos supostos, na tentativa que fizemos para estabelecer, do todo, pelo menos um órgão pelo qual se remonte à sua identidade.

Não é nem será por meio dessas deduções diretas que chegaremos à reconstituição da coisa procurada. Há outros meios de ação, outras fontes de ensinamentos e outros caminhos por onde é possível chegar-se à realização desse tão elevado objetivo : a iniciação .

FORMA

É com as restrições necessárias e tão recomendadas no caso, que eu me aventuro a abordar , nesta memória, a questão da forma, em me referindo à Linha Branca de Umbanda, e o faço com o pensamento na Linha oposta, evitando na medida do possível, oferecer aos seus filiados, às legiões numerosas dos seus adeptos, ensinamentos que lhes possam ser proveitosos na prática diuturna dos seus crimes.

A Forma, aqui, é sinônimo de ritual, porque a forma de um princípio não se mede no espaço nem pode ter qualquer relação com o tempo. Umbanda não é uma coisa, é um princípio a que já se deu corpo em forma de lei. Em qualquer dos dois planos em que a procuremos, está sempre a sua expressão. Esses dois planos a que me refiro são : o plano físico, o mundo visível e o plano espiritual, o mundo invisível.

Sabemos, desde os ensinamentos de HERMES , o Trismegista, que o macrocosmo é como o microcosmo, por isso que o que está em cima é como o que está em baixo, para que se cumpra a lei da unidade . O homem é como Deus .

Lá, no Alto, o Universo se desdobra em dois mundos, o físico, cenário da matéria e dos fatos e mundo hiperfísico constituído de três esferas, a da causa primária, isto é, dos princípios, a da

essência puramente psíquica, correspondendo às leis, e a esfera da luz astral, dizendo respeito às virtualidades .

Aqui, o microcosmo se mostra através da forma dupla do homem que é ao mesmo tempo visível e invisível, correspondendo esta parte da sua natureza ao corpo físico e ao complexo orgânico do ser e aquela aos corpos superiores, o astral, o mental e o espiritual, em relação; respectivamente, cada um deles, ao subconsciente, à consciência e à superconsciência, tal como na divisão do macrocosmo .

Em resumo : as ciências herméticas concebem o universo constituído por quatro elementos: matéria, força, leis e causa, e do mesmo modo nos apresentam o homem como um conjunto desses quatro elementos, e tanto num caso como no outro, há um lado visível, o primeiro, e três invisíveis, os restantes.

Partamos desses postulados antigos, admitidos e aceitos, dessas conquistas, definitivas e firmes, das investigações milenárias procedidas nos domínios do astral humano e do astral universal, em todas as partes do mundo para chegarmos a uma conclusão clara na solução do problema que nos interessa. Pelo estudo do homem, elemento posto ao nosso alcance, estudamos simultaneamente o universo imenso que nos escapa . Tomemos pois, o homem, debaixo da quádrupla forma que lhe é própria e através dessa sua natureza múltipla, desvendemos esses enigmas do universo:

O ser humano é matéria - Corpo Físico

O ser humano é força - Corpo Astral

O ser humano é lei - Corpo Mental.

O ser humano é causa - Corpo espiritual .

Poderemos dizer, por analogia, a mesma coisa em relação ao cosmos e nessa analogia haverá profunda verdade. As formas universais e as formas humanas se correspondem perfeitamente.

Na primeira ocasião em que o homem, movido o por seus, instintos ou por sua curiosidade, vislumbrou uma face de sua natureza invisível ou sentiu um índice de sua força, praticou um ato de magia e despertou para o seu engrandecimento. Isso lhe valeu por uma revelação.

Todo o nosso saber é o resultado das nossas experiências, nesta e nas passadas existências. O homem é um condenado ao auto-conhecimento. Ele tem de revelar-se a si mesmo, tem de se descobrir, tem de conhecer-se, pois a essa condição está ligada toda a possibilidade de seu progresso . Ora, as experiências sucessivas e repetidas do homem, nesse particular, isto é, no descobrimento de si mesmo, criaram um corpo de doutrina e uma norma de ação, doutrina e norma por meio das quais lhe é possível reproduzir as experiências feitas, agora de certo melhoradas quanto ao modo, o que se reflete no resultado, e avançar cada vez mais no descobrimento da sua natureza interior e invisível, assenhoreando-se mais e de melhor modo, dos lados ignorados da sua personalidade.

Na medida em que o homem toma posse de si mesmo, por meio desse auto conhecimento, vai conseguindo um progressivo domínio sobre o Universo, passa a ser um gênio e depois um Deus.

Ele foi feito à imagem e à semelhança do seu criador. . .

Senhores congressistas, esse corpo de doutrina e essa norma de ação a que me refiro, são o que vós chamais Linha Branca de Umbanda. O primeiro fator, a doutrina, dá a essa Linha, a natureza que lhe reconhecemos, e o segundo, a norma de ação, lhe assegura a forma. Um é o fim. O outro é o meio. Um nos dá o culto e o outro nos oferece o ritual. Umbanda é o ritual indispensável à ação do homem no conhecimento de si mesmo e, conseqüentemente, no desbravamento do Universo, pois o Universo é um reflexo seu.

Quando um homem se concentra e pensa em tão transcendentas questões, sentindo-se atraído por elas, esse homem dá o PRIMEIRO PASSO no caminho que se abre à sua frente e que o poderá conduzir ao conhecimento da sua múltipla natureza, ao conhecimento de si mesmo e do Universo que o rodeia. Esse primeiro passo o põe à PORTA DO TEMPLO, no limiar da estrada. A essa PORTA, posição ou estado, chamais vós, senhores congressistas, de PONTO DAS ALMAS, visto tratar-se justamente do ponto de reunião de todos aqueles que se sentiram atraídos pelo desafio da Esfinge: Decifra-me.

Assim decidido e animado, esse homem que resolveu conhecer-se penetra o TEMPLO, põe o pé no caminho que lhe é indicado, disposto a vencer a primeira etapa na estrada imensa.

A sua tarefa, já agora, será facilitada em parte pelos companheiros que encontrará de certo pelo caminho. É que outros o antecederam na jornada e pelas experiências que já possuem, poderão adiantar-lhe muitas coisas... Isso será para nosso homem um valiosíssimo APOIO, estado ou condição a que vós, senhores congressistas, chamais de XANGÔ.

Mas, o nosso caminhante avançou. Tudo quanto lhe disseram os companheiros encontrados no seu caminho foi muito bem compreendido e agora, já instruído e com uma boa soma de experiências, ele irá prestar aos outros, que se iniciam na caminhada, o mesmo APOIO que lhe foi dado, a mesma ajuda recebida dos que o precederam. Temo-lo agora, em ação. O nosso itinerante já é um Mestre, alcançou a terceira etapa, chegou a esse estado ou condição a que: vós, senhores congressistas, chamais de OGUM.

Nunca devemos esquecer que isto que se passa a menor com o homem, se dá a maior com a humanidade e que todas essas situações ou estados encontrados no astral das criaturas, estão reproduzidos, nas suas justas proporções, nos domínios do seu criador.

O ideal de Umbanda é a fraternidade humana. É por isso que ela tem por missão o desenvolvimento do homem no conhecimento de si mesmo.

É pelo saber e só pelo saber, que o homem se engrandece e o saber desenvolve todas as virtudes do ser humano, tanto as do espírito como as do coração.

INDICAÇÃO

Ao Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda, o autor da presente memória solicita sejam apresentadas ao plenário, para a necessária discussão, indicações tendentes ao estabelecimento de uma doutrina e de uma norma de ação, norma e doutrina pelas quais deverão orientar-se, daqui por diante, as práticas de Umbanda em todas as comunidades filiadas à Federação de Umbanda com sede no Rio de Janeiro

obs.: Trabalho apresentado no I Congresso de Espiritismo de Umbanda, realizado no Rio de Janeiro em 1941.

Caso tenha gostado deste eBook envie seus comentários:

mLopes eBooks

E-mail: mlopes@mail.com.br

São Vicente/SP - 11/02/2001